

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Moreno Guimarães, Luiz; Endo, Paulo Cesar

A origem da palavra narcisismo

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 17, núm. 3, septiembre, 2014, pp. 431-449

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233032423004>

A origem da palavra *narcisismo*^{*1}

431
Luiz Moreno Guimarães^{*2}
Paulo Cesar Endo^{*3}

Pretende-se examinar a origem de uma palavra — narcisismo — levando em consideração as primeiras descrições clínicas e teorias associadas a ela. Trata-se, por meio de uma visão diacrônica, de acompanhar — e de interpretar — a montagem de um quadro clínico psiquiátrico do final do século XIX que se edificou ao redor dessa palavra. Para isso, os autores operam um retorno aos textos dos primeiros teóricos do narcisismo — Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Näcke e Richard von Krafft-Ebing —, evidenciando como cada um concebeu essa noção. Isso permite uma revisão do que consta no verbete narcisismo, encontrado principalmente nos dicionários de psicanálise, sobre a origem desse conceito.

Palavras-chave: Narcisismo, perversão, psiquiatria, teoria freudiana

^{*1} Uma primeira versão deste texto consta na dissertação de mestrado *Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais* de Luiz Moreno Guimarães, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Cesar Endo, defendida em 2012 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e subsidiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

^{*2} Universidade de São Paulo – USP (São Paulo, SP, Br)

^{*3} Universidade de São Paulo – USP (São Paulo, SP, Br)

As condições de tais denominações devem ser analisadas de perto.
Deleuze.

432

Em uma passagem reveladora, Deleuze escreve: “Quando um médico dá o seu nome a uma doença, trata-se de um ato ao mesmo tempo linguístico e semiológico dos mais importantes, na medida em que se liga um nome próprio a um conjunto de signos, ou faz com que *um nome próprio conote signos*” (1967/2009, p. 18; grifo do autor). Ao emprestar seu nome para a doença — os exemplos são inúmeros: mal de Parkinson, síndrome de Down, mal de Alzheimer etc. —, o médico faz com que o seu nome próprio passe a conotar um conjunto de signos. Certamente, como aponta Deleuze, “o médico não inventou a doença. Mas separou sintomas até então associados, agrupou outros antes dissociados, ou seja, constituiu um quadro clínico profundamente original” (p. 17). Dessa forma o mesmo nome passa a ter uma dupla referência: ao médico e ao conjunto de signos que caracterizam a doença. E com o passar do tempo a referência ao médico vai desaparecendo e seu nome passa a conotar apenas uma sintomatologia específica. É, em suma, um ato de nomeação.

A literatura, não raras vezes, contribuiu para esse tipo de nomeação. Quando, por exemplo, Krafft-Ebing nomeia, pela primeira vez, certos quadros clínicos como casos de sadismo ou masoquismo, fazendo assim referência a nomes de autores (Marquês de Sade e Sacher Masoch), desse modo, ele dá o mérito ao escritor pela revelação de uma entidade clínica. Trata-se nesse caso de uma nomeação com uma singular temporalidade, pois o escritor não cria a entidade, é apenas posteriormente que o psiquiatra — olhando ao mesmo tempo para a obra literária e para o caso clínico — dá nome ao quadro; e tudo se passa como se o psiquiatra percebesse a antecipação do escritor. É, nesse sentido, uma forma de reconhecimento de que a arte evidencia o sofrimento bem antes que a clínica. As consequências, contudo, são as mesmas: cria-se um nome (sadismo ou masoquismo) que passa a designar um quadro clínico.

Com o narcisismo não foi diferente. Seu surgimento coincide com o momento inicial da psiquiatria; e sob o termo narcisismo — proveniente de uma referência ao mito de Narciso, cuja versão mais conhecida é a

de Ovídio em *Metamorfoses* — foram agrupados uma série de signos, modos de conduta, comportamentos sexuais, que visavam definir e caracterizar um quadro clínico específico. É exatamente isso que pretendemos analisar neste artigo: as marcas desse batismo inaugural, linguístico e semiológico, da noção de narcisismo.¹ Nesse sentido, as primeiras questões que gostaríamos de colocar são: quem introduziu essa referência ao mito de Narciso no âmbito de uma razão diagnóstica? Em que contexto clínico essa referência foi feita? E, principalmente, quais as marcas dessa introdução e dessa referência para o desenvolvimento posterior da noção de narcisismo? Em suma: pretendemos investigar a origem de uma palavra; como quem tenta capturar o instante em que um determinado significante (narcisismo) e um significado (a descrição de uma sintomatologia específica) se sobrepõem e se imbricam, tentando evidenciar algumas das consequências clínicas dessa colagem inaugural.

O termo *narcisismo* surge no final do século XIX, e há quase consenso em relação a quem teria cunhado a palavra. A maioria dos autores que buscaram a origem da palavra *narcisismo* (inclua-se aí o próprio Freud) atribuiu a dois clínicos — Havelock Ellis e Paul Näcke — a invenção do termo. E teria sido Ellis, segundo esses autores, em 1898, no texto *Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse* [*Autoerotismo: um estudo sobre a manifestação espontânea do impulso sexual*], o primeiro a formular a expressão *Narcissus-like* [tal como Narciso] que por contiguidade daria origem ao narcisismo. Vejamos dois posicionamentos.

Na pesquisa de Laplanche e Pontalis (1967/1971), encontramos:

433

¹ Vale destacar que essa forma de nomeação de um quadro clínico — que faz um nome conotar signos — é específica da psiquiatria. A forma como Freud nomeia os complexos, os conceitos e os quadros clínicos é substancialmente diferente. Por exemplo, peguemos o caso da denominação *complexo de Édipo*; sobre isso diz Rancière (2001/2009, p. 25), “para que Édipo seja o herói da revolução psicanalítica, é preciso um novo Édipo”. Esse “novo Édipo” é novo em relação às leituras feitas de Édipo até a época de Freud, mas também é velho porque “reata com o pensamento trágico de Sófocles” (p. 25). Esse reatar com algo que foi perdido caracteriza a nomeação freudiana, além de definir o próprio trabalho analítico. Trata-se de uma construção antitética, onde novo e velho não se excluem, mas — ao contrário — são necessários: só é novo porque é velho. No ato de nomeação dos conceitos freudianos existe uma estranha semelhança com *A origem antitética das palavras primitivas* (texto de Abel de 1884, resenhado por Freud em 1910/2006), pois nesse ato — tal como nos sonhos — encontramos a união dos opositos em um único termo, algo como *novovelho* (ou, como sugeriu chistosamente Thiago E. Luzzi, *novelho*). Essa forma de nomear de que Freud se utiliza (talvez, inaugura) é definitivamente mais complexa do que daquela do começo da psiquiatria.

De fato, Näcke (1899) forjou a palavra *Narzissmus*, mas para comentar o ponto de vista de Havelock Ellis, que foi o primeiro, em 1898 (*Autoerotism, a Psychological Study*), a descrever um comportamento perverso relacionando-o com o mito de Narciso. (p. 263)

E segundo Kaufmann (1993/1996):

Foi Havelock Ellis (1898) quem usou pela primeira vez a expressão *narcissus-like* para caracterizar na vertente patológica essa forma de amor voltada para a própria pessoa; depois dele, P. Näcke (1899) retomou ainda o termo *Narcismus* para significar, dessa vez, uma verdadeira perversão sexual. (p. 347)

Apesar das pequenas diferenças, os termos são postos de tal maneira que o consenso seria que a noção de narcisismo teria sido formada em dois momentos: Havelock Ellis fez a primeira alusão ao mito de Narciso no interior de um debate psicopatológico em 1898 e Paul Näcke — um ano depois e fazendo referência ao texto de Ellis — teria cunhado a palavra.²

Freud confundiu esses dois momentos da invenção; em 1914, ele atribuiu a criação do termo ao psiquiatra Paul Näcke já no primeiro parágrafo do texto “Introdução ao narcisismo”:

434
O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. (Freud, 1914/2010, p. 14)

Tal suposto equívoco Freud retificou em 1920, na ocasião de uma nova edição de “Três ensaios de uma teoria sexual”, acrescentando uma nota que destacava a autoria de Ellis na origem do conceito: “O termo ‘narcisismo’ não foi inventado por Näcke, como ali se menciona erroneamente [no texto de 1914], senão por Havelock Ellis” (Freud, 1905-1920/2006, p. 199). O problema é que a confusão de Freud é dupla; segundo o consenso acerca da origem desse termo, não foi precisamente Havelock Ellis quem inventou a palavra, e sim Paul Näcke; de tal forma que Freud estaria mais correto em 1914 do que na sua retificação de 1920.

Contudo, em meio a esse consenso, destoa a pesquisa feita por Roudinesco e Plon (1997/1998), que consta no *Dicionário de psicanálise* e atribui, de um modo inesperado, a invenção do termo a Alfred Binet. Segundo esses autores:

² Diversas outras fontes foram consultadas e não diferem substancialmente desse posicionamento, entre elas: Mijolla, A. *Dictionnaire international de psychanalyse* (2002); Moore, B. E. & Fine, B. D. *Psychoanalytic Terms & Concepts* (1990); Rycroft, C. *A critical dictionary of psychoanalysis* (1968); Zimerman, D. E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise* (2001).

Narcisismo. Termo empregado pela primeira vez em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), para descrever uma forma de fetichismo que consiste em se tomar a própria pessoa como objeto sexual. O termo depois foi utilizado por Havelock Ellis, em 1898, para designar um comportamento perverso relacionado com o mito de Narciso. Em 1899, em seu comentário sobre o artigo de Ellis, o criminologista Paul Näcke (1851-1913) introduziu o termo em alemão. (p. 530)

Os autores não citam em qual texto Binet teria empregado o termo pela primeira vez, datam apenas esse emprego de 1887. Seguimos essa pista e procuramos o termo nos textos escritos por Binet nesse ano. A repetição de que teriam sido Ellis e Näcke que cunharam o conceito de narcisismo foi tamanha que ela, de algum modo, tornou-se aceita e difundida.³

De fato, não exatamente o termo, mas a primeira referência ao mito de Narciso em meio a uma problemática de uma diagnóstica psicopatológica surge no texto “Le fétichisme dans l’amour” [“O fetichismo no amor”] de Alfred Binet, escrito em 1887 e publicado em 1888.

A tese central do texto é um desenvolvimento de uma formulação de Charcot e de Magnan na qual os fetichistas “experimentam uma excitação genital intensa durante a contemplação de certos objetos inanimados, que deixam completamente indiferentes um indivíduo normal” (Binet, 1888, p. 2-3). Nos casos mais comuns, a excitação do fetichista é despertada (e capturada) por uma parte do corpo humano, que pode ser uma determinada forma dos olhos, uma mecha de cabelo, um certo cheiro, a boca com os lábios vermelhos; mas também o fetichismo pode ser caracterizado pelo culto a objetos inertes, como luvas, touca de dormir, avental branco; segundo Binet, “pouco importa o objeto da perversão: o fato capital é que a perversão em si é uma inclinação que os sujeitos experimentam pelos objetos, estes que normalmente são incapazes de satisfazer as necessidades genitais” (p. 4). Segundo o autor, o fetichismo no amor se constitui como adoração de objetos impróprios para a reprodução.

O fetichismo seria assim o investimento libidinal de partes do corpo ou de objetos inanimados (em geral ligados a uma parte do corpo) que se tornaram a condição *sine*

³ Boa parte da confusão e da imprecisão de todas essas pesquisas sobre a origem desse verbete advém do fato de seus autores não se atentarem para uma diferenciação entre a origem da palavra narcisismo e a primeira menção ao mito de Narciso em meio a uma razão diagnóstica, que não coincide no caso deste conceito. Muito também se explica pelo fato de que a ampla maioria das pesquisas tomou como base bibliográfica outras pesquisas, e não o contato direto com os textos de Binet, Ellis, Näcke e outros.

qua non da excitação sexual; na ausência de certas características dessas partes ou dos objetos, o ato sexual se torna difícil, penoso ou mesmo impossível.

No fetichismo, há uma “hipertrofia de um elemento que leva à atrofia de todos os outros” (p. 68). Assim, para o fetichista, pouco importa se a mulher é feia, diz Binet, se o objeto de seu culto for belo. Como na metonímia, em que a parte substitui o todo, “o acessório se torna o principal. Ao politeísmo responde o monoteísmo. O amor do pervertido é uma peça de teatro onde um simples figurante avança sobre a rampa e assume o papel principal” (pp. 84-85). A parte se expande exageradamente, ocupa o lugar do todo e ao final se torna um todo independente: o fetichismo no amor tem por resultado o isolamento do objeto amado. Tudo se passa como se o *acessório* fosse o único capaz de dar *acesso* ao prazer sexual.

Como a excitação sexual do homem *normal* (leia-se segundo o autor, isto é, não pervertido) também é despertada por partes do corpo ou objetos inanimados, cabe a Binet diferenciar o amor patológico fetichista do amor normal. Ao longo de seu texto três pontos se destacam, que apontam para o caráter patológico do fetichismo: (i) o fato do fetichista não levar em consideração mais nenhum elemento além do objeto amado, por exemplo, “quando todas as considerações de idade, de riqueza, de conveniência moral, psíquica e social, se encontram assim sacrificadas ao prazer do odor, estamos em face de uma perversão” (p. 67); (ii) o caráter mórbido, incontrolável e a irresistível atração exercida pelo objeto-fetiche, por exemplo, “o sujeito, que reconhece seu odor nas mulheres que passam na rua, é levado invencivelmente a seguir essa mulher: ele não pode resistir a esse impulso” (p. 67), o mesmo ocorre com a excitação sexual na presença do objeto-fetiche: incontrolável e tão intensa que ultrapassa “as taxas normais” (p. 15); (iii) o fato do fetichista amar abstrações (que conduzem a generalizações) e não indivíduos, seu amor é despersonalificado: ele ama traços que podem ser encontrados em vários indivíduos, por exemplo, “o amante do terninho italiano não está especialmente apaixonado por um terno individualmente determinado, portado por tal pessoa: o que ele ama não é um objeto particular, é um gênero [isto é, terninhos italianos em geral]” (p. 71). Esses três elementos definem o caráter patológico do fetichismo para Binet.

No caso da *amante da voz*, quando uma jovem mulher é capturada pela voz de um tenor, há uma bela passagem em que Binet diz: “Ela escutava a voz muito mais que as palavras” (p. 30). Essa voz sem palavras, esse “amor plástico” (expressão que se repete no texto), em que o outro é destinado a ser mero suporte de um traço, caracteriza o fetichismo segundo Alfred Binet.

É nesse contexto que irá surgir a primeira menção ao mito de Narciso.

Em um extenso parágrafo (pp. 69-71), Binet levanta uma série de fetichismos nos quais o objeto-fetiche vai paulatinamente se distanciando da totalidade da mulher. Em geral (não só como observa Binet, mas também Freud em 1927 no texto “O fetichismo”), os fetichistas são homens, e o objeto-fetiche é uma

parte do corpo da mulher ou um objeto que faz referência a uma parte do corpo feminino. Entretanto, esses objetos podem paulatinamente se distanciar da figura feminina, tornando-se cada vez mais independentes dela. Assim, há uma série de fetichistas que, ao cobrir de beijos coisas inertes, não as separa da representação da mulher; bem como há objetos-fetiche que precisam estar no corpo feminino para provocarem a excitação sexual, por exemplo, em um determinado caso “o terninho só atrai quando ele é animado por um corpo de uma jovem e bela mulher” (Binet, 1888, p. 70). Há, contudo, objetos que não fazem mais nenhuma referência à mulher; é o caso do amante de avental branco, em que “nenhuma lembrança do feminino se mistura à sua obsessão e não a colore. O que ele ama é o avental branco em si e por si” (p. 70). Segundo o autor, em casos como este, o fetichismo está desenvolvido de maneira completa, a adoração se endereça única e exclusivamente ao objeto inerte. Em meio a essa argumentação, referindo-se a esses casos, Binet (1888) escreve em uma nota de rodapé:

Nesse doente, a associação de sentimentos [técnica usada por Binet para pensar a etiologia do fetichismo] é engendrada por um prazer pessoal, egoísta; há sem dúvida sujeitos nos quais o fetichismo tem por objeto a sua própria pessoa. A fábula do belo Narciso é uma imagem poética dessas tristes perversões. Em diversos lugares, nesse assunto, nós achamos a poesia recobrindo e disfarçando o fato patológico. (p. 71)

Trata-se, em suma, de evidenciar que, quando o objeto-fetiche não tem mais nenhuma relação com a mulher, pode ser que sua fonte seja a imagem da própria pessoa. Binet não desenvolve o conteúdo dessa nota, mas podemos pensar — a partir dela — que partes do próprio corpo, ou objetos que fazem referência a partes do corpo, podem se tornar objetos-fetiche.

Esse investimento de partes do próprio corpo, ou de objetos ligados a ele, obedece às mesmas vicissitudes do voraz *amor fetichista*, isto é, essa referência à imagem de si se torna a condição *sine qua non* da excitação sexual. Esse caminho de análise, aberto por Binet, será tomado por Havelock Ellis, Paul Näcke e Richard von Krafft-Ebing, ainda que sejam raras as referências ao psicólogo francês.

Quando o fetiche não tem por base a relação do homem com a mulher, mas a relação do homem com a imagem de si mesmo, é que surge essa referência ao mito de Narciso: o indispensável do objeto-fetiche parecia esconder a estranha possibilidade de dispensar o outro. Por sinal, Narciso é pensado por Binet como uma figuração poética de uma perversão e, a poesia, como um manto que cobre e disfarça o patológico. Assim o fetiche não é mais uma relação entre a forma como certos homens investem o feminino, mas como investem a si mesmos, como escolhem a própria pessoa como objeto sexual e como operam uma fetichização do próprio corpo.

Comentando essa passagem, Bizub (2006) formula uma excelente questão: “Qual é a natureza desse outro que esconde por detrás dos êxtases?” (p. 265). Tudo se passa como se Binet estivesse se perguntando: qual é a natureza desse outro que esconde por detrás do objeto-fetiche? O que faz Binet redigir essa nota é o exato momento em que percebe que há objetos-fetiche que não se referem ao feminino, isso porque as associações do paciente nos remetem à imagem de si. Talvez o que se esconde por detrás dos êxtases incontroláveis de alguns fetichistas não seja a imagem da mulher mutilada (partes do corpo feminino), mas a imagem da mutilação de si (partes do próprio corpo). Nesse sentido Binet aponta para algo essencial: certos objetos são apenas o suporte para o investimento de si mesmo.

Assim Binet introduz a primeira referência ao mito de Narciso em um discurso que visa traçar as bases para uma diagnóstica do comportamento sexual patológico.

Pode-se concluir que Binet antecipou o que Freud viria chamar, em 1914, de escolha narcísica de objeto. Entre os quatro subtipos propostos por Freud (1914/2010) para esse tipo de escolha, a saber,

Uma pessoa ama:

I) Conforme o tipo narcísico:
a) o que ela mesma é (a si mesma),
b) o que ela mesma foi,
c) o que ela mesma gostaria de ser,
d) a pessoa que foi parte dela mesma; (p. 36)

438

essa forma de fetichismo, segundo as formulações de Binet, seria uma variação do subtipo d: escolho o objeto na medida em que ele se associa a representação de uma parte de mim mesmo. Basta um deslocamento da palavra parte: de *uma pessoa ama a pessoa que foi parte dela mesma* para *uma pessoa ama a parte da pessoa que foi dela mesma*. Onde a alteridade é reduzida a uma identidade. Algo como a frase que Adão dirige a Eva: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada ‘mulher’ [îsha], porque foi tirada do homem [îsh]” (Bíblia, Gênesis, 2: 23).⁴

Como vimos, Havelock Ellis é, em geral, considerado como o criador da expressão que daria origem ao narcisismo, ao publicar o primeiro dos seis volumes que compõem os *Studies in the psychology of sex* [Estudos em psicologia do sexo], mais precisamente no texto “Auto-erotism: a study of the spontaneous

⁴ Salvo engano, a relação entre fetichismo e narcisismo foi pouco analisada, sendo que Binet poderia ser um bom ponto de partida para esse estudo.

manifestation of the sexual impulse” [“Autoerotismo: um estudo sobre a manifestação espontânea do impulso sexual”], no ano de 1898. É um longo estudo dedicado ao *autoerotismo*, no qual o autor funda essa noção (que, como sabemos, também foi apropriada por Freud) e faz algumas descrições sobre o que considera um comportamento semelhante ao de Narciso, sem fazer menção às análises de Alfred Binet.

Diz Ellis (1898/1927) logo no início de seu estudo: “Por ‘autoerotismo’, eu entendo o fenômeno de emoção sexual espontânea gerado na ausência de um estímulo externo provindo, direta ou indiretamente, de outra pessoa” (p. 93). Para o autor, o autoerotismo vem falar dessa excitação sexual que provém de dentro — é endopsíquica — e que independe de um objeto externo, seja para surgir ou para satisfazer-se. Nesse sentido, o autor considera como autoerotismo um largo rol de fenômenos que podemos, grosso modo, dividir em quatro grupos. Primeiro, os devaneios eróticos, também chamados de onanismo psíquico, através dos quais o indivíduo figura cenas sexuais, provocando em si mesmo a excitação sexual. No segundo, temos os sonhos eróticos, que também são a figuração de cenas eróticas que podem fazer o indivíduo chegar a poluções noturnas. No terceiro grupo, encontramos a masturbação como autoerotismo; que pode — ou não — recorrer a cenas eróticas para se concretizar. No quarto grupo, temos a referência ao mito de Narciso, que analisaremos mais pormenorizadamente.

Havelock Ellis conta que, desde que chamou a atenção para essa quarta forma de autoerotismo, tem recebido relatos de médicos de diversos lugares, bem como uma série de textos passaram a abordar essa problemática de uma maneira clínica. Fére mencionou uma mulher que sente excitação sexual beijando a própria mão. Moll relatou dois casos de homossexualidade nos quais a excitação provém da troca de roupa frente ao espelho. Krafft-Ebing reportou um caso de um homem que se masturba frente ao espelho. Entre esses relatos, Paul Näcke lhe escreveu sugerindo o termo *narcisismo*. No entanto, Ellis privilegia o termo proposto por Rohleider: *automonossexualismo*, indicado ao descrever dois casos de homens cuja excitação sexual provinha da contemplação de seus próprios corpos, diretamente ou pelo espelho, com pouca ou nenhuma atração sexual por outras pessoas.

Diz Ellis (1898/1927):

A forma extrema do autoerotismo é a tendência da emoção sexual ser absorvida — e com frequência inteiramente perdida — na admiração de si mesmo [self-admiration]. Essa tendência a ser como Narciso [Narcissus-like tendency], cujo germe normal na mulher é simbolizado pelo espelho, é encontrado em menor grau em alguns homens, e algumas vezes está bem marcada na mulher, frequentemente associada à atração por outras pessoas. (p. 109)

A menção ao mito de Narciso, neste autor, surge como uma forma extrema do autoerotismo, isto é, uma total independência do indivíduo em relação ao objeto

externo no processo de excitação e satisfação sexuais. Admirar-se e satisfazer-se (muitas vezes nessa própria admiração) é o que define essa *tendência a ser como Narciso* [*Narcissus-like tendency*], uma tendência reflexiva da sexualidade, que encontra em si o objeto e, segundo o autor, estaria mais presente nas mulheres.

Falando da importância do espelho, Ellis (1898/1927) cita Bloch: “O espelho possui uma parte importante na gênese das aberrações sexuais (...) Não há dúvida que muitos rapazes e moças têm sua primeira experiência de excitação sexual frente aos seus próprios corpos refletidos no espelho” (p. 109).

Ellis cita também uma passagem de um romance de Valera (apud Ellis, 1898/1927), *Genio y figura*, onde se evidencia essa *tendência a ser como Narciso*. Após o banho, a heroína diz:

Eu caio em uma atitude pueril que pode ser inocente ou viciosa, simplesmente não consigo decidir. Eu só sei que é um ato contemplativo, uma desinteressada admiração da beleza. Não se trata de uma sensualidade grosseira, mas de um estético platonismo. Eu imito Narciso; e toco com meus lábios a fria superfície do espelho e beijo minha imagem. (p. 110)

O que caracteriza essa *tendência a ser como Narciso*, segundo Ellis, é uma “indiferença ao ato sexual” ou mesmo “uma indiferença pelo sexo oposto” (p. 110). Nesse sentido, ele relata o que considera um caso típico.

Trata-se de uma jovem moça de 28 anos que nasceu e cresceu no campo. Uma bela mulher, com finas proporções, ativa, saudável e inteligente; porém sem nenhuma atração pelo sexo oposto e também sem nenhuma atração pelo próprio sexo. “Ela tem uma intensa admiração por si mesma, especialmente por seus membros [braços e pernas]; ela nunca está tão feliz como quando está sozinha e nua em seu quarto e, sempre que possível, ela cultiva a nudez” (p. 110).

É notável como Binet e Ellis constroem quadros clínicos substancialmente diferentes a partir dos quais evocam a mesma figura de Narciso. Em diversos aspectos a delimitação dos signos chega a ser oposta: Binet evoca Narciso ao se referir, principalmente, a homens fetichistas, em busca de seus objetos-fetiche, os quais exercem uma irresistível atração com incontroláveis e intensas excitações sexuais; ao passo que Ellis se refere, principalmente, a mulheres que, contemplando-se no espelho, cultivam uma indiferença ao outro e ao ato sexual. De um lado “sensualidade grosseira”, de outro “estético platonismo”, para usarmos os termos do romance de Valera (apud Ellis, 1898/1927, p. 110). Primeiro e segundo autores a evocar Narciso, no âmbito de uma problemática de estabelecimento de uma razão diagnóstica, apontam assim para quadros distintos; entretanto, a questão clínica que se impõe aos dois — e que está presente em todos esses primeiros teóricos do narcisismo — é a mesma, como se a forma extrema do fetichismo e forma extrema do autoerotismo conduzissem ao mesmo ponto.

Fascinados pela fascinação do outro por si mesmo, esses psicólogos e psiquiatras pareciam a todo momento se perguntar: como era possível uma sexualidade sem alteridade? Como alguém pode chegar a excluir o outro no processo de excitação e descarga da energia sexual? Que espécie de independência sexual (ou sexualidade independente) é essa? São essas as questões que estão na base da construção do conceito que viria a se chamar narcisismo — e pensamos que elas continuam a nos incomodar.

Ellis foi o propagador dessas indagações no nascente campo da psiquiatria e da psicologia, o tema da *tendência a ser como Narciso* fez fortuna: a grande repercussão de seu texto gerou uma série de pesquisas — e em uma delas encontramos a sugestão do termo *narcisismo*. Contudo, Ellis não propõe nenhuma resposta a essas questões; seu estudo é, na verdade, um apanhado de casos e descrições sem nenhuma tentativa substancial de explicação ou análise.

Paul Näcke, psiquiatra e criminologista, publica em 1899 um texto que traz uma contribuição crucial para a invenção da palavra narcisismo: o artigo “Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität” [“Crítica para um capítulo da sexualidade normal e patológica”] que, em linhas gerais, é um levantamento do estado da arte dos estudos da sexualidade até o momento. Nele encontramos o termo em estado nascente, mas sem nenhuma descrição clínica e quase nenhum esboço teórico atrelado a ele. Vejamos os pontos principais de seu texto em relação a essa origem, a partir de uma passagem.

Em todo caso, muito menos frequente do que o devaneio [*Tagträumen* ou *day-dreaming*] é o narcisismo [*Narcismus*, em latim], o enamoramento [*Selbstverliebtheit*] por si mesmo. É preciso traçar um limite com relação à simples vaidade, bem como enxergar o narcisismo apenas ali onde a observação do eu próprio ou de uma parte sua vier acompanhada de sinais uníacos de orgasmo. Este seria então o caso clássico de autoerotismo no sentido de Havelock Ellis. Segundo este, o narcisismo deve ser encontrado principalmente entre mulheres, provavelmente porque o germe normal para ele “é simbolizado pelo espelho”. Também aqui há muito a ser pesquisado. (Näcke, 1899, p. 375)⁵

Como vimos, Havelock Ellis (1898) conta que — logo que apontou para a tendência a ser como Narciso [*Narcissus-like tendency*] — recebeu uma carta de Paul Näcke propondo a palavra narcisismo. No texto vemos Näcke elaborar pela primeira vez o termo em latim: *Narcismus* (um genitivo: algo como *de Narciso*),

⁵ Agradecemos a Luiz F. B. González, pela ajuda com a leitura e a tradução do original.

que em alemão tomaria a forma de *Narzissismus* [narcisismo]. Narcisismo é então caracterizado como um enamoramento por si mesmo, que se tornará a definição mais conhecida e vulgarizada desse conceito.⁶

Contudo, para Näcke (1898), o narcisismo é um fenômeno muito específico e estatisticamente raro (alguns poucos casos a cada 1.500 pacientes psiquiátricos), com algumas características particulares. Isso porque o narcisismo não deve ser confundido com a vaidade, visto que, para que ele ocorra, é necessário estar acompanhado “de sinais unívocos de orgasmo” (p. 375). O texto de Näcke está a todo momento tentando estabelecer as bases para distinguir a sexualidade normal da patológica; e a diferença entre vaidade e narcisismo serve bem para operar esta distinção. A vaidade seria um olhar contemplativo do próprio corpo, da própria forma, considerada parte da sexualidade normal; enquanto que o narcisismo seria um olhar sexualizado, um olhar que busca — em si e para si — a satisfação sexual e, por isso, é considerado como patológico. É nesse sentido que Näcke irá sugerir o narcisismo como uma perversão.

Quem percebeu muito bem essa aproximação entre narcisismo e perversão foi o próprio Freud em 1914, quando ele estabelece um diálogo com a passagem citada acima e resume a concepção de Näcke sobre o narcisismo. Retomando a citação:

442

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorveu toda vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral. (Freud, 1914/2010, p. 14)

Grosso modo, o que Näcke fez, além de criar a palavra, foi operar uma criminização do narcisismo ao defini-lo como uma perversão (lembremos que, além de

⁶ A etimologia da palavra narcisismo. Narcisismo pode ser decomposto em *narc-* (radical) e *-ismo* (sufixo); *-ismo*, neste caso, nos remete a uma doença ou enfermidade; ao passo que *narc-* deriva do grego — *νάρκη* — e significa torpor. Conservando esse sentido, por um lado, *narc-* dará origem a narcótico; por outro, o significado de *narc-* (torpor) dará origem à palavra entorpecente. Tudo isso tem como base o fato de que a flor narciso — guarda um efeito entorpecente. *Narcisismo* seria, portanto, algo como uma *doença do entorpecimento*; ao que esses primeiros psiquiatras e psicólogos acrescentariam: *uma doença do entorpecimento por si mesmo*. Vale ressaltar que há uma insistência etimológica em aproximar narcisismo e toxicomania. Freud (1930/2010) parece ter percebido bem essa relação em uma passagem de “O mal-estar na cultura”, ainda que não cite o narcisismo: “A eles [aos narcóticos] se deve não só um ganho imediato de prazer, mas também uma parcela muito desejada de independência em relação ao mundo externo” (p. 33).

psiquiatra, ele era criminologista). Krafft-Ebing irá levar às últimas consequências essa criminalização.

Em uma das revisões do grande catálogo de perversões *Psychopathia sexualis*, publicado inicialmente em 1886, Krafft-Ebing inclui o narcisismo como um dos quadros clínicos. O subtítulo dessa que é a obra mais famosa de Krafft-Ebing é esclarecedor: *Estudo médico-legal para uso de médicos e juristas*. Por meio dele fica evidente em que contexto o narcisismo é inserido.

Necrofilia, delírios eróticos, assassinato por luxúria, masoquismo, canibalismo, homossexualidade, travestismo, demência, exibicionismo, ninfomania, histeria, paranoíia, bestialidade, incesto... compõem o largo rol de quadros clínicos descritivos sugeridos pelo autor, acompanhados apenas por uma sintética parte teórica que visa fazer um mapeamento das patologias sexuais em geral. Numa das revisões e acréscimos feitos na primeira década do século XX, o narcisismo passa a fazer parte desse catálogo, entrando como mais uma nosografia da perversão.

O fato de ser destinado, ao mesmo tempo, a médicos e a juristas nos fala dessa dupla inserção que divide seu olhar entre o campo jurídico e o clínico, entre o tribunal e o consultório. Vejamos alguns fragmentos de um caso citado por Krafft-Ebing (1886/1950), tirado dos estudos de Rohleder.

Trata-se de um homem de 26 anos, no qual a excitação sexual surge apenas com a observação do próprio corpo ou de sua imagem no espelho, “todas as outras possíveis inclinações por outras pessoas estavam excluídas” (p. 619). Nos seus sonhos era frequente se encontrar na seguinte cena: ele se via nu em um grande quarto onde as paredes eram espelhos, e descrevia: “onde minha imagem — totalmente nu — me era reenviada de todos os lados. Eu me metia então a fazer caras-e-bocas, a pentear meu bigode, a me abraçar, e então eu tinha ereções e ejaculações” (Rohleder apud Krafft-Ebing, 1886/1950, p. 619). Numa frase que sintetiza o caso, ele diz: “a única coisa que me descansa é o *frio do espelho*” (p. 619, grifo nosso). Foi a tia do paciente quem primeiro reportou o caso às autoridades (médicos/juristas), relatando essa “loucura dos espelhos” de seu sobrinho; que ela descobriu quando ele a visitava e fazia questão de recolher todos os espelhos da casa em um mesmo quarto, reproduzindo assim a cena do sonho. O traço diferencial mínimo do narcisismo se estabelecia: era a máxima indiferença ao outro.

Rohleder considera este um caso de autossexualismo; e Krafft-Ebing nota que a diferença entre autossexualismo e exibicionismo é que, no segundo, o mostrar destina-se ao outro, ao passo que no primeiro é o mostrar-se para si mesmo; e que pode haver uma transição entre os dois, bem como uma mistura. O próprio narcisismo será definido por Krafft-Ebing como uma mistura (*mélange*) de exibicionismo com autossexualismo e com homossexualismo. E propõe uma divisão

temporal do narcisismo: “Como nas outras perversões sexuais, nós podemos distinguir, no narcisismo, casos em que ele é o instinto predominante, casos em que se manifesta apenas por um tempo ou intermitentemente, e também em que ele é periódico” (Krafft-Ebing, 1886/1950, p. 623). Fica claro que Krafft-Ebing concebe o narcisismo como um comportamento sexual perverso; e enquanto comportamento, segundo o autor, pode ser medido por meio da periodicidade de sua manifestação.

De forma redutora, Krafft-Ebing (1886/1950) retoma a fórmula do fetichismo de Alfred Binet — em que, como vimos, os meios se tornam os fins, onde os coadjuvantes se protagonizam — e a partir dela insere o narcisismo no rol das perversões: “Se a ação de se olhar no espelho, para uma mulher, não tem mais a finalidade de se tornar atrativa para o homem, mas se o meio torna por assim dizer o lugar do fim, nós podemos dizer que se trata de narcisismo ou de autossexualismo” (pp. 624-625).⁷

Em suma, com sua entrada em *Psychopathia sexualis*, consolida-se uma certa leitura do narcisismo como mais uma sexualidade desviante, que não se deixa levar pelos imperativos de reprodução; o narcisismo surge e se consolida como uma perversão.

Levando em consideração o que vimos até aqui, propomos uma revisão do que consta no verbete *narcisismo*, encontrado principalmente nos dicionários de psicanálise, sobre a origem desse conceito.

Narcisismo. A primeira referência ao mito de Narciso, no interior de uma problemática psicopatológica, foi feita pelo psicólogo francês Alfred Binet, em 1888, numa nota de rodapé do texto “Le fétichisme dans l’amour”; onde Binet conjectura que por trás de alguns objetos-fetiche não se esconde uma relação com o corpo mutilado da mulher, mas sim uma relação com o próprio corpo. Em 1898, Havelock Ellis, no texto “Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse”, cria a expressão *Narcissus-like tendency* [tendência a ser como Narciso]; tal tendência é a forma extrema do comportamento autoerótico: onde o outro não está presente no processo de excitação e descarga da energia sexual. A partir desse texto de Ellis, surge uma série de estudos sobre essa *tendência a ser como Narciso*. Paul Näcke, médico criminologista, em 1899, no texto “Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität”, fazendo menção às descrições de Ellis, cria o termo *narcisismo* e o caracteriza como uma perversão,

⁷ Dos autores consultados, Krafft-Ebing é o único que retoma as análises de Alfred Binet para pensar o narcisismo; no entanto, o mais importante disso é que talvez foi justamente Binet o primeiro e o único a fazer propriamente uma tentativa de análise desse fenômeno, em meio às inúmeras descrições que vieram depois.

definida por um olhar que busca — em si e para si — a satisfação sexual. E, logo na primeira década do século XX, o narcisismo passa a fazer parte do grande catálogo de perversões *Psychopathia sexualis* de Krafft-Ebing, o que consolida uma leitura do narcisismo como uma perversão, isto é, como mais um comportamento sexual que não se submete aos imperativos de reprodução.

Tal como Charcot, um dos mestres de Freud, costumava afirmar, em suas lições, que não era um teórico, mas um fotógrafo, a maioria desses primeiros pesquisadores do narcisismo também conservava essa ambição impossível de uma clínica a-teórica. O que eles queriam transmitir — antes de tudo — era uma fotografia: a descrição de signos distintos com a legenda do significante narcisismo.

Pareando as descrições clínicas desses autores, compõem-se assim uma imagem, mais ou mesmo harmônica; algo que poderíamos chamar de o primeiro retrato do narcisismo. Um homem ou uma mulher — em sua maioria mulheres (segundo Ellis), em sua maioria homens (segundo Binet) — se encontra sexualmente mobilizado frente a um outro (um objeto, uma imagem) que não é senão si mesmo. O que fica de fora desse retrato — e ao mesmo tempo o funda — é a figura do clínico (psicólogo, psiquiatra ou jurista), que o constrói fascinado pela fascinação do outro por si mesmo.

Houve então uma dupla operação narcísica na origem da palavra narcisismo. Por um lado havia o narcisismo do paciente que pôde ser definido como a exclusão do outro no processo de excitação e descarga da energia sexual; por outro lado havia o narcisismo do clínico que — frente à alteridade de um exercício diferente da sexualidade — insiste por considerá-la um subtipo da perversão, que naquela época era um grande quadro teórico-clínico onde se jogava tudo aquilo que não se submetia aos imperativos de reprodução, de tal forma que as primeiras teorias do narcisismo tiveram como destino o narcisismo da teoria.⁸ Assim o clínico, ao mesmo tempo em que formulava a questão de base do narcisismo (como é possível uma sexualidade sem alteridade?), insistia em negar a alteridade da mesma sexualidade: impressionar-se com a tendência a ser como *Narciso* já era cultuá-la. Ambos (paciente e clínico) evitando o mesmo: o potencial demoníaco ($\delta\alpha\mu\omega\nu$, *daímon*) que a sexualidade do outro tem para desfazer a nossa identidade. O narcisismo está onde se retira da alteridade a sua capacidade de alterar.⁹

⁸ “(...) bastam dois espelhos opostos para se criar um labirinto [ou, neste caso, um conceito]”, Borges (1980/2011, p. 112).

⁹ Há um famoso e importante texto para a psicanálise brasileira: *Narcisismo em tempos sombrios* (1989) de Jurandir Freire Costa. Pensamos que seu belo título esconde um pleonasmo: só há narcisismo em tempos sombrios, pois toda construção narcísica é uma resposta a tempos sombrios. Em uma frase: conceber a alteridade como tempos sombrios conduz ao narcisismo.

De certo modo, podemos atribuir ao primeiro dos “Três ensaios de uma teoria sexual” (1905) a desmoralização — e a desperversificação — do narcisismo a que Freud dá início; devolvendo à clínica a sua capacidade de alterar a teoria, Freud cria as condições para que um conceito clínico de incrível estatura venha a promover inflexões fundamentais na própria metapsicologia freudiana, com a publicação de *Introdução ao narcisismo* em 1914 e na psicanálise vindoura.

Referências

Bíblia de Jerusalém. (1996). São Paulo: Paulus.

Binet, A. (1888). *Le fétichisme dans l'amour. Études de psychologie expérimentale*. Paris: Octave Doin.

Bizub, E. (2006). *Proust et le moi divisé: La Recherche: creuset de la psychologie experimentale*. Gêneve: Droz.

Borges, J. L. (2011). O pesadelo. In *Borges, oral & sete noites*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1980).

Deleuze, G. (2009). *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967).

Ellis, H. (1927). Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse. In *Studies in the psychology of sex*. Vol. 1. London: Project Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1898).

Freud, S. (2006). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas*. (José L. Etcheverry, trad., Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2006). Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas. In *Obras completas*. (José L. Etcheverry, trad., Vol. 11). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas*. (Paulo César de Souza, trad., Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2010). Mal-estar na civilização. In *Obras completas*. (Paulo César de Souza, trad., Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1993).

Krafft-Ebing, R. V. (1950). *Psychopathia sexualis*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1886).

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1971). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1967).

Näcke, P. (1899). Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität. In: *Arch. Psychiat.* Nervenkrankh.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997).

Rancière, J. (2009). *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed. 34. (Trabalho original publicado em 2001).

Resumos

(The origin of the word “narcissism”)

The purpose of this paper is to examine the origin of the word “narcissism” beginning with the earliest clinical descriptions and theories associated with this phenomenon. Our purpose is to adopt a diachronic view in order to follow, and interpret, a psychiatric clinical picture from the late nineteenth century, built around the term. For this purpose we take up texts by the first theorists of narcissism — Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Nâcke and Richard von Krafft-Ebing — and show how each one conceived this notion. We were then able to examine entries on narcissism and its origins, mostly in dictionaries of psychoanalysis.

Key words: Narcissism, perversion, psychiatry, Freudian theory

(L'origine du mot narcissisme)

Cet article a pour but d'examiner l'origine du mot «narcissisme» en tenant compte des premières descriptions cliniques et des théories qui y sont associées. Nous assumons une perspective diachronique pour suivre — et interpréter — la création du cadre clinique psychiatrique qui a été construit autour de ce mot à la fin du XIX siècle. Nous reprenons les textes des premiers théoriciens du narcissisme — Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Nâcke et Richard von Krafft-Ebing — pour illustrer de quelle façon ces auteurs ont conçu cette notion. Cela nous permet de réexaminer ce que l'on retrouve dans les entrées «narcissisme», avant tout des dictionnaires de psychanalyse, sur les origines de ce concept.

Mots clés: Narcissisme, perversion, psychiatrie, théorie freudienne

(El origen de la palabra narcisismo)

Se pretende examinar el origen de una palabra — narcisismo — considerándose las primeras descripciones clínicas y teorías a ella asociada. Trátase de acompañar a través de una visión diacrónica y de interpretar la composición de un cuadro clínico psiquiátrico del final del siglo XIX, que se edificó alrededor de esa palabra. Para ello, los autores vuelven a los textos de los primeros teóricos del narcisismo — Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Nâcke y Richard von Krafft-Ebing — para evidenciar como cada uno de ellos ha concebido esa noción. Eso permite una revisión de lo que consta en las entradas para

“narcisismo” encontrados principalmente en los diccionarios de psicoanálisis que dicen respecto al origen de ese concepto.

Palabras-clave: Narcisismo, perversión, psiquiatría, teoría freudiana

(Der Ursprung des Begriffs “Narzissmus”)

Dieser Artikel beabsichtigt, den Ursprung eines Begriffs — Narzissmus — zu untersuchen, unter Berücksichtigung der damit verbundenen ersten klinischen Beschreibungen und Theorien. Es geht darum, durch eine diachronische Perspektive den Aufbau eines sich auf diesem Begriff stützenden psychiatrischen klinischen Bildes aus dem Ende des 19. Jahrhunderts zu verfolgen und zu interpretieren. Zu diesem Zweck verweisen die Autoren auf die Texte der ersten Theoretiker des Narzissmus, und zwar auf Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Näcke und Richard von Krafft-Ebing, und heben hervor wie jeder dieser Autoren diesen Begriff versteht. Das ermöglicht eine Revision der Definitionen und Ausführungen über den Ursprung dieses Begriffes, die vor allem in den psychoanalytischen Fachwörterbüchern zu finden sind.

Schlüsselwörter: Narzissmus, Perversion, Psychiatrie, freudsche Theorie

Citação/Citation: Guimarães, L. M. & Endo, P. C. (2014, setembro). A origem da palavra narcisismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3), 431-449.

Editor do artigo/Editor: Manoel Tosta Berlinck

Recebido/Received: 20.9.2013 / 9.20.2013 **ACEITO/Accepted:** 26.11.2013 / 11.26.2013

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: Esta pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br) / This research is funded by National Counsel of Technological and Scientific Development (Brasília, DF, Br).

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors declare that has no conflict of interest.

449

LUIZ MORENO GUIMARÃES

Mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP e estudante de Letras Clássicas da mesma Universidade (São Paulo, SP, Br).

Alameda Sarutaiá, 73/35

01403-010 São Paulo, SP, Br.

e-mail: luiz.moreno@usp.br

PAULO CESAR ENDO

Psicanalista e professor doutor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP (São Paulo, SP, Br); Membro da Cátedra USP/Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância; Membro do Comitê Nacional de Combate à Tortura no Brasil e do Conselho Deliberativo do Diversitas/FFLCH-USP; Atua como pesquisador do Laboratório de Psicanálise, Arte e Política – LAPAP da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS, Br); e do GT da ANPEPP Psicanálise, Política e Cultura; Coordena o Grupo Psicanálise, Teoria Política e Psicologia Social do Núcleo de Apoio à Pesquisa Diversitas; bolsista produtividade CNPq (nível 2); autor de dezenas de artigos em coletâneas e revistas científicas; autor e organizador dos livros *Freud: ciência, arte e política* (em coautoria com Edson Sousa); *Psicologia, violência e direitos humanos* (em coautoria com Teresa Endo e outros); *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*, livro agraciado com o prêmio Jabuti (2006).

Rua Tanabi, 162/12

05010-010 São Paulo, SP, Br.

e-mail: pauloendo@uol.com.br